

O boi-de-rua como retomada do espaço público em Parintins (AM)

The Boi-de-Rua as the reclaim of public space in Parintins (AM)

Diego Omar da Silveira, Ericky da Silva Nakanome e Pedro Coelho



Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/pontourbe/10554>

DOI: 10.4000/pontourbe.10554

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

Diego Omar da Silveira, Ericky da Silva Nakanome e Pedro Coelho, «O boi-de-rua como retomada do espaço público em Parintins (AM)», *Ponto Urbe* [Online], 28 | 2021, posto online no dia 28 julho 2021, consultado o 31 julho 2021. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/10554> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.10554>

Este documento foi criado de forma automática no dia 31 julho 2021.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

O boi-de-rua como retomada do espaço público em Parintins (AM)

The Boi-de-Rua as the reclaim of public space in Parintins (AM)

Diego Omar da Silveira, Ericky da Silva Nakanome e Pedro Coelho

NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em / Original Version 10/07/2020

Aceitação / Accepted 07/02/2021

- 1 Os bois-bumbás do Amazonas tornaram-se expressões conhecidas da cultura popular brasileira ao longo dos anos 1990, quando o Festival Folclórico de Parintins começou a ser transmitido em canais de televisão aberta, com alcance nacional, e o cancionero local (com as toadas) passou a figurar no mercado fonográfico, entrando nas paradas de sucesso de rádios e programas de auditório (Farias, 2005; Rodrigues, 2006). O folguedo é, no entanto, já muito antigo e remete às sucessivas levadas de ocupação do território amazônico. Há nele, os traços lusos identificados por Câmara Cascudo e uma forte influência nordestina, vinda com imigrantes durante o auge da produção e comercialização da borracha. Inseridos nas festividades juninas, os bois de pano brincavam nos terreiros para pagar promessas e saudar a gente do lugar. Os versos, a cantoria e o rufar dos tambores (de fabricação local) animavam o encontro.
- 2 Acredita-se que já na segunda década do século XX – o ano de 1913 foi escolhido como um marco – tenham surgido o Caprichoso (boi negro cujo símbolo é a estrela) e o Garantido (boi branco que traz um coração na testa), misturados, é claro, às outras festividades juninas (como as quadrilhas e cordões de pássaros). Brincando na rua, cada Bumbá delimitou seu território, de tal modo que a própria cidade foi se dividindo em um lado azul e outro vermelho. Não raro, os encontros motivavam não apenas o desafio, mas acabavam em enfrentamento entre as “galeras” (Valentin, 2005). De todas as tentativas (civis e eclesíásticas) de normatizar a festa, a mais bem-sucedida se deu em 1965, com a criação de um festival, no qual os Bois passavam a se enfrentar em uma

arena (um tablado) com vistas a alcançar um troféu que consagrava o campeão. A festa cresceu e no fim dos anos 1980 foi construído o bumbódromo, com capacidade para 15 mil torcedores. Vieram, depois, os grandes patrocinadores, o marketing, o *glamour* dos camarotes. Hoje, reformada, a arena recebe aproximadamente 30 mil pessoas.

- 3 Ocorre, que a passagem da brincadeira ao espetáculo (ver Cavalcanti, 1999; Nogueira, 2014) representou ganhos e perdas. Atualmente, a festa acontece nos três dias do último final de junho e atrai para a ilha dezenas de milhares de turistas – as estimativas da Amazonastur (Empresa ligada ao Governo do Amazonas) para 2019 gravitam em torno de 70 mil –, mas uma parcela significativa da população foi alijada da possibilidade de assistir às apresentações, já que os ingressos se tornaram caros e a disputa por um lugar nas torcidas (que contam pontos na disputa) envolve passar o dia todo em uma fila.
- 4 Nesse processo de reinvenção, os Bois-de-rua passaram a representar o momento de maior proximidade entre cada um dos bumbás e seus apaixonados torcedores, bem como uma nova modalidade de ocupação do espaço público que vai além das estratégias comerciais dos patrocinadores oficiais do Festival. A cidade segue dividida e cada lado é o reduto de uma nação, que pinta suas casas e estende bandeirolas nas cores dos Bumbás nas semanas que antecedem a festa. Nesses bairros, também estão situados os galpões (aonde são construídas as alegorias e fantasias) e currais (que sediam os ensaios) de cada Boi, sempre próximos dos lugares de fundação de cada associação folclórica.
- 5 O ensaio fotográfico que se segue corresponde ao cortejo do Boi Caprichoso realizado em outubro de 2018, quando se celebrava a “fuga do boi” e o lançamento do tema que a agremiação levaria para a arena no ano seguinte. Normalmente, os bois saem às ruas duas ou três vezes por ano: no mês de junho para celebrar promessa a santos do ciclo junino, em suas festas de aniversário e nas cerimônias de morte (Garantido) ou fuga (Caprichoso) do bumbá – eventos que remetem às antigas formas como os bois celebravam os autos. Na história, Mãe Catirina (grávida) deseja a língua do boi mais bonito da fazenda. Pai Francisco satisfaz o desejo, mas enfurece o dono do gado que, ao saber do acontecido põe-se a caça do seu peão. Padre e médico tentam em vão resgatar a vida do touro que acaba sendo ressuscitado pelo pajé e tudo termina com uma grande festa (Braga, 2000; Cavalcanti, 2006).
- 6 A concentração do cortejo se deu na rua Sá Peixoto, um reduto azul e branco. No cortejo o boi Caprichoso rememora no sentido da fuga, o rompimento da tradição do auto – vida, morte e ressurreição do boi. Essa variante do mito (Cavalcanti, 2006) é creditada a Didi Vieira (padrinho do Caprichoso) que ao ver seu “curumim”, Alfredinho Vieira, implorando para que o boi não morresse, criou uma história diferente, em que o boi não se entregava, tornando-se assim eterno para a sua comunidade. Em torno do bumbá foram se juntando os cavalinhos, seus guardas, os/as lamparineiros/as (figuras remanescentes da época em que Parintins não possuía luz elétrica), as várias figuras das pastorinhas (anjos, pastoras, floristas, ciganas, reis magos) e a Marujada de Guerra (percussão do Boi-Caprichoso). Dali, embalado pelo cancionista mais antigo e também por toadas atuais, os brincantes foram até a Catedral de Nossa Senhora do Carmo, saldar a santa, rumando em seguida para o curral. No percurso, como se pode ver, é comum que as pessoas abracem o boi, que baila na frente da casa dos sócios mais antigos e cumprimenta idosos e crianças. Ao lado do Boi, algumas figuras de destaque no folclore local, o casal de bonecos – Seu Gigante e Dona Aurora – que em seus giros

distribuem “tapas” nos convidados satirizando a figura do colonizador “branco, louro e de estatura desajeitada”, Pai Francisco, mãe Catirina e o preto velho Gazumbá, que resistem ao tempo na lembrança do antigo elenco do auto tradicional, interagindo com a comunidade entre as gargalhadas e amolações do facão nas nádegas de algum curumim escolhido durante o percurso.

- 7 O reconhecimento do “Complexo Cultural do Boi-Bumbá do Médio Amazonas e Parintins” pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em 2018, reforçou ainda mais a necessidade de registros variados e salvaguarda dos vários momentos da festa, inclusive o Boi-de-rua, que sobrevive entre as lacunas do espetáculo, seguindo sua espontaneidade, galopando entre as campinas dos anseios de seu povo; é o povo tomando pra si novamente o seu “brinquedo”, agora tomado também como resistência.



Cavalinhos, a guarda do boi



Bailado do Boi



A reverência aos mais velhos



Lamparineiras em cortejo



Florista, das Pastorinhas



Anjo da anunciação



A cigana



Conjunto folclórico



Amo do boi



A despedida

BIBLIOGRAFIA

BRAGA, Sérgio Ivan Gil. 2001. Danças e andanças de negros na Amazônia: por onde anda o filho de Catirina? In: SAMPAIO, Patrícia Melo (org.). *Fim do Silêncio*. Belém: Editora Açai; CNPq.

BRAGA, Sérgio Ivan Gil. 2002a. O Boi é bom para pensar: estruturas e história nos bois-bumbás de Parintins. In: *Somanlu*. Manaus: UFAM, v. 2.

BRAGA, Sérgio Ivan Gil. 2002b. *Os Bois-Bumbás de Parintins*. Rio de Janeiro: Funarte; Manaus: Editora da Universidade do Amazonas.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. 1999. O Boi-Bumbá de Parintins, Amazonas: Breve história e etnografia da festa. In: *História, Ciência, Saúde*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, v. VI.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. 2000. *Festa na Floresta: O Boi-Bumbá de Parintins*. Rio de Janeiro: Funarte.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. 2006. Tema e variantes do mito: sobre a morte e a ressurreição do boi. In: *Mana*. Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, v. 12(1). pp. 69-10.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. 2018. *Processo de Instrução Técnica do Inventário de Reconhecimento do Complexo Cultural do Boi-Bumbá do Médio Amazonas e Parintins*. Brasília: IPHAN; UnB.

FARIAS, Júlio Cezar. 2005. *De Parintins para o mundo ouvir – Na cadência das toadas dos bois-bumbás Caprichoso e Garantido*. Rio de Janeiro: Litteris.

NOGUEIRA, Wilson. 2014. *Boi-bumbá – Imaginário e espetáculo na Amazônia*. Manaus: Valer.

RODRIGUES, Allan. 2006. *Boi-bumbá Evolução*. Manaus: Valer.

SILVEIRA, Diego Omar. 2019. Virada decolonial ou mergulho no neoconservadorismo: dois caminhos para o Festival de Parintins. In: *Portal Parintins 24h*. Disponível em: <http://parintins24hs.com.br>. Acesso 22 de julho de 2019.

VALENTIN, Andreas. 2005. *Contrários: A celebração da rivalidade dos Bois-Bumbás de Parintins*. Manaus: Valer.

AUTORES

DIEGO OMAR DA SILVEIRA

Mestre em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e doutorando em Antropologia Social pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). É professor do curso de História da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), membro do Conselho de Artes do Boi-Bumbá Caprichoso, de Parintins, e presidente interino da Associação Brasileira de História das Religiões (ABHR).

E-mail : diegomarhistoria@yahoo.com.br

ORCID : <https://orcid.org/0000-0001-6835-3417>

ERICKY DA SILVA NAKANOME

Mestre em Artes Visuais pela Federal da Bahia (UFBA). É professor do curso de Artes Visuais da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e presidente do Conselho de Artes do Boi-Bumbá Caprichoso, de Parintins.

ORCID : <https://orcid.org/0000-0002-7197-6233>

PEDRO COELHO

Fotógrafo do Boi-Bumbá Caprichoso, de Parintins e articulador dos coletivos Lentes Caboclas e Fotografa Parintins.

ORCID : <https://orcid.org/0000-0002-7902-5117>